Diretor — Américo de Campos, 1875-1884; Francisco Rangel Pestana, 1875-1890; Julio Mesquita, 1891-1927; Nestor Rangel Pestana, 1927-1933; Plinio Barreto, 1927-1958

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA (1891-1927)

Cap. e Int. de São Paulo: d. ú. NCr$ 0,25, dom. NCr$ 0,40. Assin. NCr$ 60. End. Rua Major Quedinho, 28. Tel.: 239-3133. End. Telegráfico ESTADO. Telex: 021-601 e 021-602.

DIRETOR: JULIO DE MESQUITA FILHO | ANO 89 | SEXTA-FEIRA, 24 DE MAIO DE 1968 | N.º 28.563 | DIRETOR REDATOR-CHEFE: MARCELINO RITTER

Praga sob guerra fria

Da AFP, ANSA, AP, DPA e UPI

Londres, 23 — As autoridades britanicas acreditam que os insistentes rumores sobre o envio de tropas estrangeiras para a Checoslovaquia fazem parte de "uma guerra de nervos cuidadosamente dissimulada", iniciada pelos membros do Pacto de Varsovia contra o governo de Praga. A Chancelaria britanica pediu ao embaixador em Bonn pormenores sobre as informações alemãs ocidentais de que os países do Pacto de Varsovia têm planos para envio de uma força de 12.000 homens para a Checoslovaquia.

Informou-se hoje que a Alemanha Ocidental comunicou oficialmente á Grã-Bretanha que tem conhecimento dos planos dos membros do Pacto de Varsovia sobre a Checoslovaquia. Acrescentou-se que o governo de Londres iniciou as investigações sobre esse assunto.

Partidos

PRAGA, 23 — A direção central do PC checoslovaco não permitirá a formação de novos partidos no país e decidiu convocar uma reunião da Comissão Central para o dia 29 deste mês, para discutir os atuais problemas politicos. Essas decisões foram tomadas durante reunião secreta do "Praesidium" da Comissão Central, encerrada ontem.

Comunicado oficial divulgado pela agencia CTK afirma que, na reunião plenaria da Comissão Central, será discutido relatorio sobre a atual situação politica, as futuras tarefas do Partido, os processos de reabilitação das vitimas do stalinismo e o caso do general Jan Sejna. Recorda-se que o general Sejna, que era elemento de confiança do ex-primeiro-ministro Antonin Novotny e ocupava alto posto no Ministério da Defesa, fugiu no começo deste ano para os Estados Unidos.

O comunicado acrescenta que serão também discutidas propostas relativas aos quadros dirigentes do PC e o orçamento financeiro do Partido. Revela que o PC checoslovaco participará da conferencia internacional comunista a ser realizada em novembro proximo, em Moscou.

Renovar o PC

A renovação do PC é a "condição preliminar para qualquer progresso na sociedade nacional", afirma hoje o "Rude Pravo". O orgão do PC checoslovaco volta hoje ao ponto de vista que vem defendendo há alguns dias: ou o Partido melhora ou o país parará.

Para o jornal, não é necessario somente que o PC arquitete boas idéias, mas também que aja. "Não se trata somente de pensar — afirma — porém de agir no terreno da pratica".

Declara que o Partido deve aderir á vida do país não só "captando com sensibilidade" todos os movimentos e os desejos da alma do povo, como também encontrando "a força politica a fim de realizar as aspirações" da comunidade nacional.

O Partido é fraco e não tem suficiente prestigio e para dar-lhe força é preciso que adquira a "confiança popular", diz o artigo. Acrescenta que a confiança do povo surgirá naturalmente se se der mais atenção aos problemas fundamentais que "ocupam a atenção das massas e são causa de descontentamento".

Afirma que muitos dos elementos que ocupam postos de responsabilidade devem ser afastados, pois "do contrario será impossivel o progresso do Partido e seu fortalecimento". O artigo é assinado por Josef Spack, membro do "Praesidium" da Comissão Central do PC.

Entrevista

O primeiro-ministro soviético, Alexei Kossigin, que se encontra desde a semana passada na Checoslováquia, teve ontem uma entrevista com o líder do PC checoslovaco, Alexander Dubcek, e com o chefe do govêrno checo, Oldrich Cernik. Os dois líderes checoslovacos viajaram ontem à noite de Praga para a estação de águas de Karlovy Vary, onde Kossigin se encontra hospedado atualmente. Dubcek e Cernik voltaram ontem mesmo a Praga, não tendo sido revelado o tema de suas conversações com Kossigin.

Por outro lado, encontra-se desde ontem em Budapeste o chanceler checoslovaco, Jiri Hajek, para conversações com os líderes hungaros.

Polônia

VARSÓVIA, 23 — O embaixador checoslovaco na Polônia, A. Gregor, apresentou hoje ao govêrno polonês a resposta de Praga à recente nota de Varsóvia contra manifestações antipolonesas realizadas na Checoslováquia. Informou-se oficialmente que a resposta de Praga "está redigida em espírito de amizade e unidade", porém não foi divulgado o texto da nota checoslovaca.

Acôrdo

BUCARESTE, 23 — O govêrno romeno assinará em breve um nôvo pacto de amizade com a URSS, porém com sensíveis modificações a respeito do anterior, que data de 20 anos, segundo se informou hoje em Bucareste.

(Na página 2 outras notícias sôbre a Checoslováquia).

Navio já vai zarpar

Das Sucursais do Rio e de Santos

O "Kegostrov", navio soviético rastreador de satélites, deverá deixar o porto de Santos por volta das 14 horas de hoje, uma vez que o incidente já está oficialmente encerrado e superado.

O capitão-dos-portos do Estado de São Paulo, comandante Henrique de Mendonça Kuesel, esclareceu que na tarde de ontem recebeu determinação do diretor de Portos e Costas para liberar a embarcação russa. Ainda ontem, por volta das 16 horas, o consul russo, Vitor Tarassov, esteve na Capitania dos Portos para se informar oficialmente sobre quando deveria o navio ser liberado. Foi então cientificado de que isso se daria tão logo estivessem cumpridas as formalidades legais, o que se espera para pouco depois do meio-dia de hoje.

Segundo porta-voz do Ministerio da Marinha a liberação do navio não implica em que fique isento de inquerito, o qual deverá ser enviado para o Tribunal Maritimo. Este decidirá as punições que, "a posteriori" poderão ser aplicadas ao seu comandante ou aos armadores.

Radiofoto AP

Kossigin, à direita, conversa em Karlovy Vary com Dubcek, à esquerda

Luta-se de nôvo em Paris

Radiofoto UPI

Fortemente armados, policiais investem contra os estudantes em Paris

Da AFP, ANSA, AP, DPA, Reuters e UPI

PARIS, 23 — A violência voltou ontem às ruas de Paris, com novos e violentos choques entre a polícia e os estudantes, que encontraram na proibição do retôrno de seu líder Daniel Kohn-Bendit à França o pretexto para novas manifestações de protesto. O Quartier Latin se transformou num campo de batalha. O extremismo dos universitários provocou o rompimento com a CGT, cujos líderes optaram por uma linha de ação mais moderada.

Pela manhã, o presidente de Gaulle reuniu-se durante quase quatro horas com o gabinete e nada transpirou sôbre os assuntos debatidos, embora se tenha apurado, oficiosamente, que o programa de reformas sociais a ser submetido a plebiscito — cuja data foi anunciada oficialmente para o dia 16 de junho — foi o tema dominante.

As bases dêsse programa deverão ser anunciadas amanhã à noite por de Gaulle, em pronunciamento que fará pela televisão.

O sindicato que congrega os policiais parisienses advertiu o govêrno de que compartilha os sentimentos dos operários.

Fala de de Gaulle pode alterar tudo

Do pronunciamento que o presidente de Gaulle fará amanhã à noite, por meio da cadeia nacional de radio e televisão, vai depender, segundo os observadores, o rumo que tomará a crise francesa. Até agora o general não proferiu publicamente uma só palavra sobre a situação nacional e acredita-se que amanhã, no seu melhor estilo, lançará as bases para uma eventual solução da crise.

Ao que parece, nem as mais altas autoridades do governo estão exatamente a par do que o presidente pretende dizer. Não obstante, há fortes indicios de que o ponto mais importante de seu pronunciamento será o anuncio da convocação de um plebiscito nacional, provavelmente para o proximo mês, com o objetivo de ascultar a opinião da França sobre um amplo plano de reformas sociais que, segundo adiantam os especuladores mais ousados, iria muito além dos projetos de participação com que o regime acena aos trabalhadores.

A opinião de que de Gaulle "abrirá as portas" para os operarios e estudantes se baseia no argumento de que o general já teria sentido — á força da pressão que exerce metade da massa operaria do país em greve — que chegou o momento de promover, tão profunda quanto possivel, uma reformulação da estrutura social da França.

Essa reformulação, que seria posta em execução a partir do resultado do plebiscito, teria como primeiro e imediato passo, segundo se admite nos circulos governamentais, o remanejamento completo do gabinete.

A reunião de hoje

Hoje o presidente esteve reunido por quase quatro horas com o gabinete. Após o encontro, o ministro de Informações, Georges Gorse, esquivou-se de fornecer qualquer informação a respeito dos assuntos discutidos, explicando que caberá ao presidente, amanhã á noite, dar á Nação os esclarecimentos que julgar necessarios. O ministro tampouco respondeu quando lhe perguntaram se na proxima reunião do gabinete, convocada para segunda-feira, comparecerão os atuais auxiliares do primeiro-ministro.

Mais pressão

Certamente por saberem que o discurso de de Gaulle será um marco decisivo no prosseguimento ou solução da crise, os sindicatos e as organizações estudantis, provavelmente com o objetivo de aumentar a pressão sobre o governo, organizaram grandes manifestações para amanhã.

A CGT fez um apelo a todos seus membros para que organizem amanhã manifestações em todo o país, a fim de denunciar "a lentidão" com que os poderes publicos pretendem responder á greve.

Os trabalhadores rurais também estão-se organizando para se fazerem ouvir amanhã, e os estudantes têm uma manifestação programada para a hora em que de Gaulle estiver fazendo seu pronunciamento.

Acordos

Enquanto a cupula sindical procura manter a classe operaria mobilizada, a greve parece que começou a se esvaziar hoje, pois os dirigentes de muitas pequenas empresas conseguiram chegar a acordos com seus trabalhadores, principalmente no interior do país.

Essa tendencia de atender reivindicações individualmente está sendo combatida pelas organizações sindicais, uma vez que podem levar ao enfraquecimento da greve. Mas, ao que parece, acentua-se cada vez mais.

Dissensão

Outro fato nôvo na crise é o rompimento — mais real do que admitido — entre a cupula sindical e a estudantil. Ontem a CGT, que é controlada pelos comunistas, condenou publicamente as "posições absurdas" dos estudantes, mas hoje a mesma entidade se apressou em divulgar nota esclarecendo que o que foi dito não representa um rompimento, pois se refere apenas aos elementos "perturbados, exaltados ou irresponsaveis, cujos atos espontaneamente inspiraram a desconfiança dos operarios".

Por parte dos estudantes não foi feito nenhum comentario oficial, mas é notorio que seus lideres não estão nada satisfeitos com o que classificam de tendencia "contemporizadora" dos sindicatos. Os lideres estudantis ficaram particularmente irritados com a declaração da CGT de que "não lhe competia comentar" a proibição imposta pelo governo de o universitario Cohn-Bendit retornar ao país.

Amplia-se a cisão CGT-universitários

Da AFP, ANSA, AP, DPA, Reuters e UPI

PARIS, 23 — Aprofunda-se cada vez mais a cisão entre os estudantes franceses que iniciaram o atual movimento de protesto, com violentas manifestações de rua, e os trabalhadores sindicalizados que ocuparam fabricas e paralisaram a vida de Paris e das grandes cidades francesas.

Fundamentalmente, a cisão teve origem nos objetivos diversos dos estudantes e dos trabalhadores. Enquanto os primeiros pretendem manter os protestos e agitações de rua por um periodo indefinido, sob a liderança de radicais como Kohn-Bendit, os trabalhadores querem explorar ao maximo as possibilidades de dialogo com o governo, que depois de uma grave crise agora se dispõe a considerar suas reivindicações de aumento de salarios e concessão de uma serie de beneficios sociais. Noutras palavras, enquanto os estudantes pretendem continuar manifestando seu protesto contra toda e qualquer forma de autoridade constituida, a grande maioria dos trabalhadores, enquadrada pelas organizações sindicais — lideradas pela CGT e pelo Partido Comunista Francês — estão dispostos a negociar disciplinadamente com o governo.

Consequências

As consequencias da cisão já se fazem sentir. Georges Seguy, membro do Politburo do PCF e secretario-geral da CGT, que controla os trabalhadores em greve, já advertira os sindicalizados, no inicio das manifestações dos estudantes, dos riscos de acatar as palavras de ordem dos universitarios. Numa segunda fase, percebendo que o movimento dos estudantes poderia abrir-lhes possibilidades, os lideres do PCF e dos sindicatos controlados pelos comunistas decidiram avançar na "crista da onda", aderindo ao movimento de protesto dos universitarios. Entretanto, agora que o governo se dispõe a ouvi-los, estão decididos a abandonar os estudantes á sua propria sorte.

Hoje, entrevistado por correspondentes estrangeiros, Seguy declarou: "Não me cabe comentar uma decisão governamental". A decisão a que o lider comunista se referia em termos respeitosos é a do banimento do territorio nacional de um dos principais lideres universitarios, o estudante Daniel Kohn-Bendit. "O personagem em questão — acrescentou Seguy — pertence a uma organização internacional subversiva". Entretanto, o dirigente comunista recusou-se a esclarecer sua acusação, designando a mencionada organização. Seguy aproveitou a entrevista para advertir novamente os trabalhadores das consequencias de "tentativas aventureiras", referindo-se dessa forma ao movimento estudantil.

Demissão

Por outro lado, inconformado com o abandono dos estudantes pelo Partido Comunista e pela CGT, um conhecido sindicalista e dirigente do partido apresentou hoje seu pedido de demissão do posto de secretario-geral do Centro de Estudos Sociais da Confederação Geral do Trabalho. Trata-se de Andre Barjonnet, que esclareceu sua decisão anunciando: "A CGT faz o que pode para manietar o mais formidavel movimento de massas que se registra na França há dezenas de anos, mantendo-se em posição estritàmente reivindicatoria, enquanto o regime gaullista está agonizando".

Os estudantes radicais que iniciaram a serie de violentas manifestações de protesto, que levaram á atual crise, não se conformam, por sua vez, com a disposição dos lideres sindicais de negociar organizadamente com o governo, denunciam todos os acordos concluidos com o patronato e convocam os trabalhadores para uma nova manifestação maciça de protesto, amanhã á tarde.

Um dos fatos que mais contribuiram para irritar os lideres dos estudantes em greve foi a recusa do secretario-geral da CGT a recebê-los. Georges Seguy, de fato, comunicou aos lideres dos estudantes que desejam entender-se com ele que "a CGT só poderia discutir com interlocutores tão sérios quanto ela".

Os lideres da CGT, finalmente, não escondem sua preocupação com referencia aos planos dos estudantes, empenhados em provocar modificações de ordem social, enquanto os sindicalistas da CGT insistem em ater-se estritamente ao plano das reivindicações trabalhistas, dentro da ordem vigente. Essa contradição afasta cada vez mais os estudantes dos operarios.

Incessante a luta de rua

Durante todo o dia de hoje prosseguiram as manifestações estudantis reiniciadas ontem à noite, em protesto pela proibição do retôrno à França do líder universitário Daniel Cohn-Bendit. Estudantes e policiais entraram várias vêzes em conflito em vários pontos da cidade, principalmente no Quartier Latin, com um saldo de quase uma centena de feridos, vidraças quebradas, automóveis destruidos.

No início da noite de hoje, a União Nacional dos Estudantes Franceses — que não tinha ordenado as manifestações — deu ordem expressa para que os estudantes se dispersassem, mas a presença comprovada de elementos estranhos entre os manifestantes impediu o cumprimento da ordem. À noite, os choques prosseguiam.

No Senado

Ontem à noite, depois que foi anunciada a medida contra Cohn-Bendit, um grupo de aproximadamente 500 estudantes concentrou-se diante do Senado, no Quartier Latin e começou a apedrejar o prédio. A polícia conseguiu dispersá-los, depois de algum tempo, lançando granadas de gás lacrimogêneo.

A agitação prosseguiu em pontos isolados do Quartier Latin pela madrugada adentro, e só às 4 horas a situação foi dada como "normal" pela polícia.

Novos conflitos

Hoje o Quartier Latin amanheceu cercado pela polícia, por medida de segurança. A manhã transcorreu calma, mas no início da tarde os estudantes começaram a se reunir novamente em grupos e, por volta das 18 horas, cêrca de mil jovens tentaram atravessar uma ponte sôbre o Sena para se reunirem no Boulevard Saint Michel. Os policiais haviam interditado a ponte e não permitiram que os estudantes a cruzassem. Os universitários começaram a arrancar parlelepípedos da rua e lançar sôbre os policiais, que retrucavam com granadas de gás lacrimogêneo.

Com o passar do tempo, ambos os lados foram sendo reforçados e o conflito tornou-se mais violento. Para se proteger, os estudantes fizeram barricadas nas ruas, com automóveis tombados, bancos, galhos de árvore e montes de paralelepípedos.

No fim da tarde, os jovens mudaram de tática. Divididos em pequenos grupos, atacavam os policiais que guardavam a outra margem do rio, em vários pontos. Além disso, ateavam fogo a montes de lixo e automóveis, para desviar a atenção da Polícia.

No fim da noite, os choques começavam a ocorrer em tôrno da Sorbonne.

Advertência

Hoje à tarde, por meio de nota oficial, a associação que congrega os policiais parisienses advertiu o govêrno de que "não se pode esperar que seus homens atuem contra os grevistas, servindo a um govêrno que não respeita as instituições democráticas".

Diz o documento que as autoridades devem evitar "lançar sistemàticamente os policiais contra os trabalhadores, que lutam por seus direitos". **(Mais notícias sôbre a França na página 2).**

Renasce o mercado negro

GLORIA EMERSON
Do N. Y. Times

PARIS, 23 — O mercado negro espalhou-se por Paris, onde a greve nacional afetou a vida de quase todos os cidadãos. A cidade está isolada do mundo exterior com a interrupção das comunicações aéreas, ferroviarias e dos Correios. Bancos, agencias telegraficas e cadeias de lojas deixaram de funcionar. As escolas fecharam e as universidades continuam ocupadas. Não há taxis e transportes publicos. Os empregados do mercado municipal, Les Halles, entraram em greve. Os serviços telefonicos interurbanos foram drasticamente reduzidos.

A visão das prateleiras vazias em milhares de mercearias, grandes e pequenas, através de Paris, levou as preocupadas donas de casa a acelerar suas compras de mantimentos.

O mercado negro existe em relação a artigos cuja procura é grande: oleo de amendoim, utilizado para cozinhar, café, batatas, macarrão e arroz, por exemplo.

A corrida ás compras, motivada pelo panico dos parisienses, perturbou de tal forma o governo que o primeiro-ministro Georges Pompidou — que luta pela sua vida politica — ainda encontrou tempo, na Assembléia Nacional, para dirigir um apelo ás donas de casa, para que evitem a estocagem. Há muitos suprimentos, disse ele.

Os comerciantes, temendo os dias incertos do futuro, ajudam a criar o mercado negro, escondendo mercadorias e oferecendo-as a seus melhores fregueses por preços mais altos.

"Estou com 45 anos de idade e me lembro de que passei fome durante a guerra, quando eu e minha irmã só tinhamos cenouras para comer" — disse a sra. Marie-Françoise Denis, dona de casa parisiense, afirmando que estocava suprimentos e continuaria a fazê-lo para "proteger sua familia".

O governo proibiu a venda de gasolina, exceto a necessaria ao abastecimento dos veiculos. Durante três dias, multidões de parisienses andaram de um posto a outro na esperança de encher latas e baldes de gasolina. Isso foi especificamente proibido ontem, como também outros meios de criar reservas de artigos. Os agricultores constituem a exceção.

O que dá mêdo

O que certamente impele as centenas de milhares de parisienses á procura desenfreada de provisões são as palavras "greve geral". Elas irritam os parisienses, os quais julgam que hoje nada é previsivel, que não se pode contar com nenhuma mercadoria e que não há serviços garantidos.

Em Paris ainda funcionam os serviços de gás e eletricidade, embora os trabalhadores dessas empresas estatais as tenham ocupado, garantindo a continuidade dos serviços.

"Continuo a comprar velas — tantas quantas posso encontrar", disse uma moradora da Rive Gauche, que foi a uma loja de artigos religiosos e comprou dez caixas de velas.

Os motoristas de caminhão e dos onibus interurbanos não entraram em greve, mas os parisienses podiam contar nos dedos as pessoas que ontem ainda trabalhavam. Entre elas incluem-se os funcionarios de escritorios, agentes funerarios, médicos, dentistas, garções, empregados de hoteis, lavanderias e cabeleireiros.

"Mas espere mais um pouco — advertiu um cidadão que saboreava seu vinho branco num café da praça Madeleine. "As coristas do "Folies Bergeres" e os jogadores de futebol também aderiram — acrescentou — e alguma coisa está para acontecer".

34 páginas

e mais o Suplemento de Turismo

Seção	Páginas
Editoriais	3
Sumário	3
Política	4 e 5
País	6 a 8
Exterior	2, 8 a 10
Artes	10 e 11
Falecimentos	13
Local	12 a 15
Interior	15 e 16
Esportes	17 a 19
Turfe	19
Econômica	20 e 21
Variedades	24
Classificados	25